

Continuamos estes encontros de escuta privilegiando a música, nessa sua capacidade de nos convocar para o que pode estar para além dos discursos.

Hoje, temos música ao vivo – eu diria mais, em «carne viva». Os «Império Suburbano» trazem, para dentro desta sala, um pouco da cultura *hip hop*. Eles não são intérpretes, no sentido clássico do termo (não abandonam a cena depois da interpretação). Os labirintos urbanos são a sua cena permanente. Por isso, a sua música é uma prática. A produção criativa de sonoridades está ligada a um estilo (*style*), implicando um visual e uma moral. Ou seja, um modo de apresentação de si e uma forma de construção de sentido para as vivências quotidianas – e, por isso, para além de um idioma musical, devemos falar de uma cultura.

Os corações, as vozes, as palavras, os corpos transportam, neste caso, uma poética explicitamente cristã. Não apenas porque a memória de Jesus se diz literalmente na sua poesia, mas sobretudo pelo que se descobre no olhar sobre o espaço social.

Os seus textos falam de um cristianismo errante, como o Jesus do Evangelho de Marcos, deambulando entre ruas, casas e espaços públicos. Nas palavras dos «Império Suburbano», é a partir dessa errância «se estende a mão a quem vagueia perdido». A mão não se estende na condição de separado, mas num lugar partilhado, como uma «Bíblia da vida». Trata-se de uma poética à flor da pele, na medida em que transporta as feridas dos subterrâneos e dos cercos da cidade. A linguagem é crística, porque transporta esse olhar sobre as submodernidades que se escondem ou esquecem – no medo que enclausura no gueto, ou nas dores do continente africano. São palavras evangélicas, na medida, em que se aproximam de uma sabedoria sobre o mundo a partir do que é desprezado. O sintagma «Império Suburbano» é, assim, um paradoxo, como o é o evangelho do crucificado.

Como animais feridos, rezam. Rezam, mas como um grito, com vozes insubmissas - «segue o teu caminho», «contra um destino» –, para além do tribalismo, sem ódio. As palavras e as vozes podem ser ácidas ou doces, mas sempre sísmicas, nas «margens da cidade», mas sem margem para a indiferença. Daí esse apelo, como um refrão, a uma transparência entre o mundo interior e exterior: «queres mudar o mundo, a mudança começa em ti», com um «coração puro». Esse é o sentido do apelo que reiteram: «sê tu próprio, sê original», «não somos herói, tipo Super-Mário».

A cultura de bairro que dizem e cantam não é um lugar sem diferenças. Mas «a diferença vem de dentro e não da cor da pele». A diferença não é folclórica, alimenta-se das multiplicidades que nos descrevem. Quando vagueamos no interior destas criações, descobrimos que todos somos, de alguma forma, crioulos e imigrantes. Talvez, melhor, apelando a uma das categorias que as primeiras gerações usaram para se autorrepresentarem: todos somos «estrangeiros». Leia-se, por exemplo, a I Carta de Pedro. Numa das primeiras reflexões acerca da experiência

cristã como cidadania, descobre-se essa qualificação do cristão como «estrangeiro» (*paroikos*, cf. 1Pe). Trata-se, preponderantemente, do «estrangeiro domiciliado», ou do que está de passagem, mas precisa de ser acolhido. As comunidades cristãs compreenderam-se, por isso, como comunidades de hospitalidade.

A música de hoje pode ser escutada nesse horizonte de cidadania que exige o reconhecimento de todos os que fazem a «cidade». Poderá a experiência cristã contribuir, hoje, para a construção de um espaço comum vivido «como quem serve», como quem cuida, como quem dá voz?